

# Relato de experiência:

exercícios de simulação sobre a temática da democracia em auxílio do posicionamento político, social e histórico do aluno

Por Carolina dos Santos<sup>24</sup>

## Resumo

O presente trabalho consiste na apresentação de um relato de experiência da atividade realizada pelo Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (Pibid) do curso de História da Universidade Federal de Santa Maria. O objetivo do exercício foi o de promover a inserção social e histórica de alunos participantes, possibilitando a melhor compreensão e apreensão dos conteúdos e conceitos propostos em aula. Com esse objetivo, a atividade consistiu em uma aula expositiva dos conteúdos previstos e, tendo estes como base, foram propostas duas atividades de simulação para estabelecer um comparativo entre a democracia antiga e a atual. Seguiu-se uma discussão sobre os papéis que possuíam os discentes como cidadãos, onde percebemos a devida apropriação dos conceitos de “democracia”, “historicidade” e “alteridade”

Palavras-chave: Ensino - Aluno - Democracia - Exercício

## Abstract

This paper presents an experience report of the activity carried out in the Institutional Program of Teaching Initiation Scholarships (Pibid) of the History course of the Federal University of Santa Maria. The purpose of the exercise was to promote the socio-political and historical insertion of the participating students, enabling a better understanding and apprehension of the contents and concepts proposed in class. With this met, the activity consisted of a lecture of the predicted contents and, based on these, two simulation activities were proposed to establish a comparison between the old and the current democracy. This was followed by a discussion about the roles that the students had as citizens, where we perceived the proper appropriation of the concepts of “democracy”, “historicity” and “otherness”.

Keywords: Teaching - Student - Democracy - Exercise.

---

<sup>24</sup>Graduanda em História pela Universidade Federal de Santa Maria

# Introdução

O plano de aula foi pensado e aplicado para duas turmas do primeiro ano do ensino médio (114 e 115) do Colégio Estadual Coronel Pilar, alocado na região central de Santa Maria e, portanto, atende um dos maiores contingentes de alunos da cidade da grande maioria dos bairros da cidade; as estruturas físicas contemplam às necessidades básicas, mas não são apropriadas a um número muito maior de alunos que o atual. Tais fatores resultam na precariedade do andamento da aula e demandam, tanto do professor quanto do aluno, a capacidade de adaptação às situações adversas.

Tendo em vista a falta de uma estrutura e de uma rotina escolar confiável, o grupo de bolsistas do Programa Institucional de Iniciação à Docência (Pibid) pelo curso de Licenciatura em História que atua nesta instituição tem voltado as aulas e atividades para que o tenhamos o aluno como protagonista da construção do conhecimento da melhor forma com que pode se apropriar dos conteúdos e conceitos apresentados na sala de aula. O intuito é que dessa forma possam se entender como sujeitos históricos e, portanto, atuantes nos grupos sociais em que estão inseridos – sejam escolar, familiar, religioso ou outro.

Assim, considerando os espaços físicos disponíveis no colégio, o tempo designado para essa atividade pela professora supervisora e os planejamentos de aula organizados pelo grupo foram utilizadas duas semanas consecutivas de aula, um total de quatro períodos por turma.

## Plano de aula

Propomos e executamos um plano de aula de quatro períodos – totalizando cento e cinquenta minutos na turma 114 (vinte e dois alunos) e cento e oitenta minutos na turma 115 (dezesseis alunos), devido a uma redução da duração do último período – durante duas semanas consecutivas. Consistia em: na primeira semana (dois períodos) optando por uma aula expositivo-dialogada, tendo como tópicos trabalhados os conceitos de “polis” e “cidade-estado”, para estabelecer os panoramas políticos e econômicos, e as cidades de Atenas e Esparta para que fossem abordados os aspectos sociais, culturais e religiosos da Hélade na

antiguidade; na semana seguinte (outros dois per realizamos os exercícios de simulação em si, dividindo-os em três momentos intitulados “a Ágora”, “as Eleições” e a por último a discussão. Em ambas as turmas as atividades ocorreram de maneira similar, havendo diferenças apenas nas colocações feitas pelos alunos.

Nesse artigo, nos ateremos aos exercícios de simulação realizados na segunda fase do plano de aula.

## 2.1. A ágora

Organizando todos os alunos no fundo da sala foram feitas algumas perguntas com intenção de simular o “corpo de cidadãos”: Quem é homem? Quem nasceu em Santa Maria? Quem tem os pais nascidos também em Santa Maria? Dessa forma, aqueles que levantaram a mão em todas as perguntas se deslocaram para a frente da sala e representaram os cidadãos da turma: os “cidadãos” eram minoria (2 na turma de 16 alunos e 3 na turma de 22).

Sugerimos uma problemática aos “cidadãos” que se reuniram em uma assembleia enquanto era discutido com o restante dos alunos quais eram as suas percepções sobre essa organização sociopolítica: Como entendem a sua exclusão na tomada das decisões? O que compreende o conceito de democracia direta? Como percebem a atuação dos “cidadãos”? Qual papel exerciam na sociedade, se não eram cidadãos?”

Após esse exercício, a sala foi disposta para a segunda etapa da aula.

## 2.2. As eleições

Para esse momento, a turma foi organizada em grupos de quatro pessoas deveriam escolher um líder e uma proposta para a melhoria da escola; isso feito, os líderes eleitos apresentaram as ideias do seu grupo para a turma. Todos os estudantes receberam uma cédula para votar na proposta com a qual melhor se identificavam, independentemente do grupo ao que pertenciam; foram feitas as apurações e divulgação dos líderes eleitos (na turma 114 houve a necessidade de segundo turno). Os alunos foram então questionados sobre o modelo de democracia representativa: O que significa ser “representativa”? Quem eram os cidadãos

nessa configuração? É possível dizer que todos os grupos sociais são representados?

Tendo sido feitos os dois exercícios de simulação, a terceira parte da aula foi iniciada após os alunos reorganizarem-se em seus lugares.

## 2.3. A discussão

Fazendo uso dos pareceres frutos dos exercícios, norteamos a conversação por novos questionamentos, dessa vez voltados às conclusões que chegaram sobre os cidadãos e os conceitos historiográficos apresentados em cada um dos modelos democráticos: O que implica uma democracia direta? E uma democracia representativa? Quais eram os problemas da aplicação de democracia ateniense antiga no Brasil hoje? E do processo inverso? Quem é e qual o papel do cidadão em cada uma das disposições? Assim posto, polimos as definições apresentadas pelos alunos no que tangia os conceitos de “cidadão”, “cidadania”, “democracia”, “política” e permitimos que discutissem entre si sobre as conclusões a que chegaram da aula.

Foram reservados os minutos finais da aula para que os alunos escrevessem um pequeno texto sobre os conteúdos trabalhados, descrevendo os exercícios de simulação e, por fim, suas impressões sobre a atividade em si. O feedback teve o papel de termômetro sobre o plano de aula executado, mas também como um recurso de manifestação do aluno.

## Teoria e metodologia

Para a construção do conteúdo a ser trabalhado em sala de aula, utilizamos dos autores Moses Finley (1912 – 1986) e José Ribeiro Ferreira (1941). De Finley, optamos pelo capítulo “Líderes e liderados” contido na obra “Democracia Antiga e Moderna” para tratar das diferenças entre os modelos democráticos da Atenas antiga e do Brasil atual bem como sua aplicabilidade, enquanto que de Ferreira utilizamos “A Grécia Antiga” e “Poder e Participação na Democracia Grega” para a caracterização do modelo democrático antigo ateniense. Do ponto de vista teórico-metodológico, utilizamos das proposições sobre ensino da história de Circe Maria

FernandesBittencourt (1945) em “Ensino de história: fundamentos e métodos” para esclarecimento prático das proposições sobre transposição didática e JörnRüsen (1938) em “Aprendizagem Histórica: fundamentos e paradigmas” no capítulo “O que é e com que finalidade praticamos (ainda) hoje a didática da história? ” para pensarmos a definição da importância de uma didática da história e sua relação com o conceito de Bittencourt de “transposição didática”:

[...] há uma demanda fundamentalmente prática ou funcional pela didática da história: historiadores e historiadoras precisam adquirir certas competências se quiserem dar validade prática a sua perícia e a sua competência técnica no sistema educacional e nas áreas difusas da cultura pública histórica [...]. (RÜSEN, 2012, p. 119)

Dessa forma, a metodologia adotada fora essencialmente pautada na otimização da participação do aluno, permitindo que este conduzisse a atividade; dessa forma intencionávamos que as turmas chegassem a conclusões sozinhas e que construíssem os conhecimentos de forma independente, atribuindo-os da aplicação prática que lhes servisse. Como resultado, houveram manifestações sobre, por exemplo, o descontentamento dos alunos com as instalações físicas do colégio e com o sistema de avaliação instituído.

## Objetivos e impressões gerais

Tínhamos como propósito que os exercícios de simulação pudessem ser devidamente instrumentalizados pelos alunos para a compreensão e apreensão do conteúdo, de modo que a abordagem mais dinâmica e interativa os caracterizassem como sujeitos agentes no processo histórico. Ainda, de que pudessem se entender como cidadãos capazes de interferir em seu contexto sociopolítico e, dado o momento em que vivemos, soubessem da importância que tem suas vozes no exercício e manutenção da democracia.

Em nossa avaliação, tais objetivos não só foram alcançados como também superados: fora possível que refletissem, em termos historiográficos, sobre concepções de “historicidade” e “alteridade”, sendo capazes de compreender os modelos democráticos e suas respectivas configurações alocadas de acordo com

o tempo e espaço em que se encontram. Ainda, no que tange a sua percepção como cidadãos hoje, obtiveram sucesso no desenvolvimento de uma capacidade de opinativa sobre os contextos em que estão inseridos, em outras palavras: souberam utilizar as disposições das aulas para se posicionar política, social e historicamente; e aprimoraram suas habilidades argumentativas, percebido nos momentos dedicados tanto ao debate quanto à escrita.

Embora um espaço aberto à manifestação fosse inicialmente intimidante, com o proceder da aula as turmas começaram a se sentir mais confortáveis a interagirem e, assim, construir conhecimento, conceito e ideias em coletivo. Individualmente, pudemos perceber que o formato em que as aulas foram concebidas atenderam a necessidades que esses estudantes tinham e que não sabíamos. O *feedback* escrito por eles ao final da atividade permitiu que compreendêssemos as dimensões que tomou a atividade; destacamos três eixos sobre os quais os textos operaram: alguns relataram que o formato dinâmico da aula possibilitou que entendessem os conteúdos trabalhados de um forma que não conseguiam com as aulas expositivas; um segundo grupo relatou que foi diferente e interessante que tenham podido ouvir e serem ouvidos pelos colegas e professoras – algo que não acontece com frequência –; e, por último, reportaram que não haviam percebido o que realmente significava democracia, sua importância e o papel que possuíam como cidadãos e que isso foi possível durante as aulas e com os colegas.

## Considerações Finais

Repetidamente tem sido percebido pelos bolsistas do Pibid atuantes no Colégio Estadual Coronel Pilar que o aprendizado, por parte dos alunos, toma forma quando estes se percebem capazes de verbalizar seus conhecimentos, opiniões e dúvidas dentro de um espaço construído dentro da sala de aula. Aproveitando-se das oportunidades de inovação e experimentação que o Programa proporciona, entendeu-se que a valorização da participação do aluno na aula é um recurso didático de grande valia, uma vez que podemos medir o aproveitamento desta pelos estudantes somente por eles mesmos. Assim, tornou-se diretriz do grupo pensar os planos de aula de maneira que o conhecimento possa ser instrumentalizado pelos discentes da melhor forma possível, ao invés de simplesmente expor o conteúdo se

imbuí-lo de aplicação prática para o aluno.

Os resultados obtidos nos permitiram inferir que a aula e os exercícios de simulação propostos foram bem sucedidos, fazendo possível que comprovássemos o que havia sido observado empiricamente no decorrer das aulas anteriores: os estudantes careciam não só de espaços hábeis de manifestação, como também de que lhes fossem demonstrado a sua capacidade de fazê-lo. Isto é, acreditamos que além da apreensão dos conteúdos curriculares, ambas as turmas desenvolveram certa consciência dos espaços que ocupam, de suas capacidades para atuação nestes e da importância que possui o seu posicionamento perante as questões que lhes são pertinentes.

## Referências Bibliográficas

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. Ensino de história: fundamentos e métodos. 3ª ed. São Paulo: Cortez, 2009.

FINLEY, M. I. Líderes e Liderados. In: Democracia Antiga e Moderna. Tradução: Waldéa Barcellos, Sandra Bedran. Rio de Janeiro. Graal, 1988, p. 17-53.

FERREIRA, José Ribeiro. A Grécia antiga – sociedade e política. Lisboa-Portugal: Edições 70, 1992.

FERREIRA, José Ribeiro. Pólis. 3ed. Coimbra-Portugal: Livraria Minerva, 1994.

FERREIRA, José Ribeiro. Participação e Poder na democracia grega. Coimbra: Faculdade de Letras, 1990.

RÜSEN, Jörn. Aprendizagem Histórica: Fundamentos e Paradigmas. Curitiba: W. A. Editores, 2012. cap. O que é e com que finalidade praticamos (ainda) hoje a didática da história?, p. 113-128.